

AMOR, ESPERANÇA E EDUCAÇÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA.

Ivanilde Apoluceno de Oliveira – UEPA¹
Tânia Regina Lobato dos Santos – UEPA²

Introdução

Neste estudo objetivamos contribuir para o debate sobre a amorosidade e a esperança na educação popular, tendo como referência a ação educativa alfabetizadora realizada pelo Núcleo de Educação Popular Paulo Freire – NEP do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará com crianças, jovens, adultos e idosos em ambientes hospitalares e de acolhimento. Temática que tem na educação freireana o seu principal aporte teórico.

A educação constitui-se em prioridade para assegurar a cidadania de crianças, adolescentes, adultos e idosos mediante o acesso e a permanência com sucesso em espaços educativos, traduzidos por Freire (1992) como pedagogia da esperança. O diálogo, a esperança, o respeito á autonomia e solidariedade apresentada por Freire é antes de tudo uma atitude perante a vida perante a educação e perante o conhecimento. É neste sentido, que o processo educativo desenvolvido pelo NEP nos aponta para a reflexão sobre a amorosidade e a esperança, tendo como mediador a prática educativa dialógica de Paulo Freire. Três questões norteiam as nossas reflexões:

1) O vínculo de amorosidade e de dialogicidade entre os educadores e os educandos destas experiências educativas de educação popular no NEP proporciona o aumento da auto-estima dos educandos?

¹ Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Coordenadora do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire da Universidade do Estado do Pará. Professora e Pesquisadora da UEPA e da UNAMA.

² Doutora em Educação: História, Política e Sociedade pela PUC-SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire da Universidade do Estado do Pará. Professora e Pesquisadora da UEPA.

2) As relações intersubjetivas que envolvem a afetividade fortalecem entre os educadores e os educandos laços de solidariedade, confiança, amizade e esperança?

3) Os vínculos de amorosidade estabelecidos na prática pedagógica entre educadores e educandos interferem no ensino-aprendizagem e na motivação dos mesmos em permanecerem nas ações educativas populares construídas no NEP?

O nosso olhar neste estudo está direcionado para as práticas educativas do NEP, nas quais as dimensões de amorosidade e de esperança são evidenciadas nas relações intersubjetivas e que perpassam pelo enfrentamento de situação de vida diversas tais como o enfrentamento da morte e a esperança de cura (em ambientes hospitalares), a construção de projetos de vida, entre outros. Constitui-se em uma pesquisa bibliográfica, com consulta a artigos produzidos por educadores do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire.

A prática educativa vivida pelos sujeitos no processo pedagógico nos ambientes educativos do NEP é permeada de afetividades como vínculos geradores de laços de solidariedade que fomentam a esperança como projetos de vida e de educação. Por isso, a importância de refletirmos sobre essas práticas educativas populares, que apontam mudanças nas relações intersubjetivas pedagógicas e o desenvolvimento de um processo de humanização nos espaços educativos.

O NEP e seus espaços de convivência educacional

O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire - NEP, criado em 2002, é extensão do Programa de Educação de Jovens e Adultos iniciado na Universidade do Estado do Pará, em 1995, e desenvolve ações interligadas de ensino, pesquisa e extensão, centradas em torno de um eixo comum, a educação popular numa perspectiva Freireana. As suas atividades educativas são realizadas por Grupos de Estudos e Trabalhos, cujos

integrantes são professores (as) e educandos (as) de diversos cursos da Universidade do Estado do Pará e de outras Instituições de Ensino Superior de Belém.

O Núcleo atende demandas emergentes de espaços institucionais, por meio de turmas de alfabetização, cuja população constituída por crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos é excluída do direito à educação escolar e ao exercício pleno de sua cidadania. Esses espaços são:

(1) os *ambientes hospitalares*, nos quais encontramos pessoas, de modo geral, provenientes do interior do Estado, que por sua condição de classe acrescida da de paciente em tratamento hospitalar, não têm acesso ao saber escolar;

Nossos educandos, advindos em sua maioria do interior do Estado, são jovens, adultos e idosos, mulheres e homens das classes populares, acometidos por uma enfermidade estigmatizada socialmente, que enfrentam inúmeras dificuldades, inclusive a financeira; têm que se deslocar para Belém em busca de tratamento, sendo desafiados constantemente face à triste realidade vivenciada no Hospital e na Associação. Realidade dolorida pelos tratamentos, pela discriminação social, pelas dificuldades financeiras e afetivas. Realidade carregada por um sombrio sentimento de morte “circulando entre corredores e salas de espera (OLIVEIRA et al, 2004, p. 16).

(2) *ambientes comunitários*, cuja população é constituída por crianças, jovens, adultos e idosos em espaços de atendimento comunitário em bairros de Belém.

O grupo de pessoas com que trabalhamos integra um centro comunitário, cuja ação está orientada para a distribuição de pequenas quantidades de alimentos aos associados, que vivem em condições sociais miseráveis, típicas das periferias de Belém. Desempregados ou atuando em campo de trabalho informal, o cotidiano dessas pessoas é marcado pela violência, tanto física (agressões, assaltos, estupro), quanto simbólica (humilhações, castrações, processos de alienação) e pela precariedade nos serviços públicos básicos, como saúde, saneamento básico, educação e transporte (LIMA et al, 2004, p. 48).

(3) *ambientes de acolhimento*, constituída de pessoas idosas que não convivem com a família, mas em espaços coletivos de convivência e acolhimento social, cujo objetivo da ação educacional não é a inserção no ensino regular, mas a possibilidade de exercer a sua cidadania com dignidade.

(4) *comunidades rurais e ribeirinhas*, localizadas próximas a rios da Amazônia, cuja população vivencia situação precária de habitação, saúde, educação, entre outras.

Dentre os traços característicos afins nessas comunidades, observamos, por exemplo, que inexistem saneamento básico; água tratada; unidades de saúde; energia elétrica (a energia quando existe, é transmitida por meio de geradores a óleo ou à bateria). As estradas, principalmente em relação às comunidades do S e do São Bento, são precárias, de piçarra, cheias de ladeiras e de buracos. O transporte, quando existe, é a bicicleta, raramente a moto, a montaria e o barco. A habitação também é precária; a educação escolar, quando existe, vai da 1ª a 4ª séries somente, realizada, por meio das escolas multisseriadas (CORRÊA 2004, p. 30).

É importante destacar-se que crianças, jovens e adultos com necessidades educativas especiais também estão incluídas nestes espaços institucionais de atendimento do Núcleo.

Nosso educando Pedro, um jovem da periferia de Belém [e que apresenta necessidades especiais] (...), quando chegou ao grupo apresentava agressividade com alguns educadores populares e outros educandos, mas esta problemática comportamental foi sendo superada em nosso fazer-pedagógico, realizado por meio do diálogo e dinâmicas de grupo, que suscitam o respeito ao outro, cooperação, afetividade e amizade (OLIVEIRA K., 2004, p. 150-1).

As práticas alfabetizadoras desenvolvidas no NEP apresentam um caráter inovador, em primeiro lugar, pelos *espaços de atuação*, cuja população é excluída do atendimento escolar tanto por instituições da rede regular de ensino como por entidades de movimentos populares. Em segundo, pela *produção de novas metodologias*, considerando-se a flexibilidade curricular e metodológica adotada. Cada Grupo de Estudo e Trabalho, seguindo as diretrizes pedagógicas Freireanas (o diálogo, a amorosidade, a esperança, a oralidade, o perguntar, a criticidade, a autonomia, o respeito à diferença e a práxis) constrói a sua metodologia de trabalho, considerando a especificidade da comunidade atendida. O trabalho pedagógico é realizado visando atender aos seguintes objetivos:

a) *sócio-políticos*: ampliar as trocas de experiências e de ajuda mútua entre os sujeitos em sala de aula; possibilitar o conhecimento crítico da realidade e as relações de poder no uso social da linguagem, com debates sobre o contexto social e cultural local e nacional; ampliar as experiências de participação coletiva e laços de solidariedade entre os atores educacionais.

b) *afetivos*: possibilitar a construção pelos alfabetizados de sua própria identidade, com a valorização de sua história pessoal; viabilizar o desenvolvimento da criatividade, expressividade e a sensibilidade estética dos educandos, permitindo-lhes dizer a sua palavra e falar na sua variedade lingüística.

c) *cognitivos e psico-motores*: possibilitar aos educandos a construção do conhecimento da leitura e da escrita; o acesso à variedade lingüística (a oralidade, a escrita e a leitura), aos principais conceitos e operações matemáticas e aos estudos sociais; viabilizar no educando o desenvolvimento de movimentos corporais básicos, expressivos, estéticos e interpretativos.

A metodologia apresenta-se como *dinâmica, interdisciplinar* e com *flexibilidade curricular*, tendo como referência a análise contextual de temas e palavras geradoras extraídas de atividades criadoras desenvolvidas com os educandos nos ambientes educativos. Caracteriza-se a ação educativa do NEP como uma *Pedagogia Social*, isto é, pedagogia que não está restrita ao espaço escolar, mas amplia e integra suas ações com as comunidades e os movimentos sociais populares compreendidos como espaços educativos e de participação popular. Pedagogia engajada política e eticamente com as problemáticas sociais destas populações, na luta pela inclusão social, implicando em *criticidade, opção e decisão* (OLIVEIRA e MOTA NETO, 2004).

Amorosidade, Esperança e Diálogo: aportes teóricos norteadores da prática educativa do NEP

Freire (1993, p. 57 e 59) considera a amorosidade uma qualidade indispensável aos educadores no processo de ensinar. Amorosidade que se afirma no “direito de lutar, de denunciar e de anunciar”. Amorosidade que está associada à coragem, de lutar e denunciar as injustiças sociais, à tolerância, de “conviver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente” e a dialogar com o diferente.

O amor é compreendido por Freire (1981, p. 29) como:

Uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro (...) Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais (...) Não há educação sem amor.

A amorosidade está presente na prática educativa libertadora em uma dimensão política, sendo uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica:

Propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque capaz de amar (FREIRE, 1997, p. 46).

A afetividade expressa no processo ensino-aprendizagem e nas relações intersubjetivas dos atores educacionais distingue a sua educação humanista-libertadora da educação tradicional, que denomina de “bancária”, pautada em relações interpessoais autoritárias, meritocráticas e competitivas. Para Freire:

ensinar exige querer bem aos educandos (...) significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (1997, p. 159).

Assim, a afetividade e a amorosidade são vias pelas quais o processo ensino-aprendizagem é facilitado. Constituem fatores pedagógicos motivadores de aprendizagem ao contrário da humilhação, da punição e do castigo da educação tradicional. A educação dialógica freireana apresenta vínculo de amor e solidariedade entre os sujeitos do processo alfabetizador apresentando uma dimensão ética. «A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos» (FREIRE, 1997, p. 67).

A relação dialógica, de confiança e de respeito deve ser estabelecida entre os educadores e os educandos como estimuladora e facilitadora da aprendizagem, enquanto

que a repreensão, o castigo são obstáculos ao processo de aprendizagem dos/as alunos/as. “A atividade docente de que o discente não se separa é uma experiência alegre por natureza” (FREIRE, 1997, p. 160). Neste sentido, o ensino-aprendizagem não é visto como um processo meramente cognitivo ou intelectual, por que:

modo como nos sentimos influencia de forma significativa no como ensinamos e no quanto aprendemos. Por isso não podemos ignorar a dimensão emocional e afetiva para a melhoria do aprendizado dos educandos, compreendendo que a afetividade é uma forma pedagógica de motivar, de incentivar os educandos nos estudos.(OLIVEIRA e COSTA, 2004, p.84-5)

A educação amorosa e dialógica de Paulo Freire está vinculada à esperança e esta ao sonho de mudança que perpassa por projetos de vida, de educação e de sociedade. O sonho para Freire (1993, p. 99) é «uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanentemente na história que fazemos e que nos faz e re-faz».

Assim, o olhar para ações educativas populares com base teórica freireana nos aponta ao estudo das relações intersubjetivas na educação que perpassa pela afetividade, amizade, motivação, alteridade, amorosidade e esperança.

Amor, Esperança e Dialogicidade na Prática Educativa Popular do NEP.

Os educadores do NEP expressam em seus relatos de experiência a importância da amorosidade nas relações intersubjetivas nas práticas alfabetizadoras, destacando o diálogo, a amizade e o afeto como imprescindíveis na convivência pedagógica e humana, sendo fator, também, dos educadores assumirem um vínculo de responsabilidade com a formação do educando. Machado et al (2004, p. 40) enfatizam que:

Nossa ação alfabetizadora representa para essas crianças não apenas a superação das suas dificuldades de leitura e escrita, mas representa um espaço de diálogo, de amizade, de afeto, de respeito, de aproximação entre educadores (as)-educandos (as) e acima de tudo de um espaço humano. Sentir o abraço do aluno que diz: “você agora vai ser a minha mãe”, deixa clara a responsabilidade que temos em nossa prática educativa, pois em seu cotidiano as crianças convivem com a violência, seja ela nas ruas ou em casa.

Explicam os educadores do NEP que a ação pedagógica desenvolvida com a comunidade lhes proporciona vivenciar nas experiências dialógicas a contextualização de sua realidade cultural e existencial, demarcada pela exclusão social, buscando superar essa situação por meio da conquista da autonomia dos sujeitos do processo educativo. Conquista que implica na «superação do medo, da vergonha e da desesperança no ato de ensinar e aprender» (LIMA et al, 2004, p. 57). Isto significa que a esperança está vinculada à possibilidade da construção da autonomia, que perpassa pelo «reconhecimento do educador e do educando na relação ensino-aprendizagem como seres humanizados, que possuem razão, sensibilidade e emoções e que quando tocadas ampliam a auto-estima dos sujeitos da educação» (OLIVEIRA e COSTA, 2004, p. 83).

Nos ambientes hospitalares as práticas educativas populares são marcadas pela problemática da relação vida-morte levando os educadores a refletirem sobre a amorosidade, a afetividade, a esperança e laços de solidariedade como expressam Oliveira et al (2004, p. 25):

Enquanto educadores estamos diante de uma prática docente diferenciada, mais humana, imbricada pelas relações de afetividade, principalmente, de respeito, de nós educadores, diante das várias manifestações de religiosidade dos educandos, que mediante sua fé ou crença “conhecem a morte”, ou procuram força espiritual para enfrentá-la. Porque, tão importante quanto o processo de alfabetização ou assimilação de conhecimentos, parecem ser as relações intersubjetivas, posto que, lidar com pessoas que estão a se desprender da vida, resignificando seus valores e desejos, criando situações imprevisíveis e tão carregadas de emoções, torna inegável o envolvimento pessoal que este trabalho nos remete.

Além da prática educativa desenvolvida ser significativa para a vida dos educandos, ao serem trabalhadas temáticas da realidade social, que envolvem a esperança e o diálogo, os vínculos de amorosidade estabelecidos entre educadores e educandos interferem no ensino-aprendizagem de maneira favorável, constituindo em uma motivação para a permanência nos ambientes educativos tanto por parte dos educandos quanto dos educadores, conforme relatam Santana et al (2002, p. 42-3):

A motivação, aliás, esteve presente em absolutamente todos os momentos. Afinal, não é nada fácil ter que sair de casa para estudar com medo de que a chuva alague o seu lar [...] Assim, como também é difícil aprender a ler e a escrever quando a visão já não é mais perfeita ou a escutar o que é discutido quando os ouvidos parecem só perceber os sons da miséria. Trabalhamos com a Pedagogia Freireana da esperança e do diálogo, este entendido como uma exigência existencial.

A motivação de participar do NEP por parte dos educadores está associada à emoção, à alegria, às ações de solidariedade e à consciência do seu processo de formação e de construção do conhecimento que se fomenta na esperança, na perseverança de alcançar a utopia de uma sociedade humana, mais justa e melhor. O poema de Flaviana Araújo (Vida) expressa o sentimento dos educadores do NEP.

A todos do NEP
 A tempos procurava um alguém como você...
 Alguém com quem teria divergências, com quem brigaria mesmo!
 Mas, no fundo, sempre sentiria que me faria crescer.
 Alguém que me levaria a quase loucura, e que me retiraria dela em espasmos de êxtase
 Entre, o "não sou capaz" e o "posso construir" e o "vou conseguir".
 (NEP você me faz feliz)
 Estou me descobrindo em você e com você.
 Quantas vezes me achei preocupada, não comigo, mas com eles e com você.
 Êpa... chegou o momento, descobri...
 Somos todos nós...os GET`s, a Coordenação, os educadores e educandos e todos
 mais.
 Somos você !
 Somos amigos...
 (Amo você)
 ...Lugar de formação, de criação e recriação.
 Amoração...
 É isso...
 Nossa palavra, te dou...
 (Um presente pra ti)
 Amoração
 Sei que nada te define, nada nunca definirá...
 Por que "somos inacabados"
 E estas nas estórias, forma a história
 Amamos por ti, mudamos em ti, crescemos em nós.

Considerações Finais

O NEP em suas ações educativas pautadas em princípios humanistas freireanos de amorosidade, solidariedade, dialogicidade e esperança vem contribuindo para que os educadores estabeleçam laços de amizade com os educandos e com isso motivando-os a continuarem seus estudos, apesar de suas dificuldades sociais e econômicas.

O processo de ensino-aprendizagem não se traduz apenas como vínculo cognitivo, mas, sobretudo, afetivo. A maneira como nos sentimos e nos relacionamos interfere no *como*

ensinamos e no *quanto* aprendemos. Assim, não se pode ignorar a dimensão de amorosidade para a melhoria do aprendizado do educando. Amorosidade e esperança compartilhados por educadores e educandos fazem parte do processo de construção das práticas educativas humanizadoras da educação popular. Isso nos ensina os educadores do NEP.

Referências

CORRÊA, Sérgio. Trabalho, saberes, identidades e tradições nas comunidades rurais-ribeirinhas. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org). *Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 2e. São Paulo: Olho D'Água, 1993.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6e. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Educação e Mudança*. 4e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIMA, Adriane Raquel et al. Diálogo, conscientização e autonomia no processo pedagógico de inclusão social. In: OLIVEIRA, Ivanilde A. de. (Org.) *Caderno de Atividades Pedagógicas em Educação Popular: pesquisas e práticas educativas de inclusão social*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

_____. Educação libertadora com a terceira idade: processo de alfabetização consciente na Associação de Moradores Lar Feliz do Guamá. In: OLIVEIRA, Ivanilde A. e XAVIER, Mário B. (Orgs.) *Palavra-ação em educação de jovens e adultos*. Belém: CCSE-UEPA, 2002.

MACHADO, Adriana et al. Uma experiência de alfabetização freireana com crianças em turmas multisseriadas: a história de mundo construída e contada por elas. In: OLIVEIRA, Ivanilde A. de. (Org.) *Caderno de Atividades Pedagógicas em Educação Popular: pesquisas e práticas educativas de inclusão social*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

_____. e COSTA, Lidiane B. A afetividade na prática alfabetizadora de jovens e adultos. In: OLIVEIRA, Ivanilde A. de. (Org.) *Caderno de Atividades Pedagógicas em Educação Popular: pesquisas e práticas educativas de inclusão social*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

_____. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de e MOTA NETO, João. Saberes educacionais de alfabetizando de Comunidades Rurais-Ribeirinhas: construindo uma Pedagogia Social. In: *Anais do I Seminário do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (CD-ROM)*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

OLIVEIRA, Kássya C. et al. Educação Popular em Comunidade Hospitalar. In: OLIVEIRA, Ivanilde A. de. (Org.) *Caderno de Atividades Pedagógicas em Educação Popular: pesquisas e práticas educativas de inclusão social*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

_____. Desafios da inclusão de jovens e adultos que apresentam necessidades especiais em escolas de Belém do Pará. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org). *Cadernos de Atividades Pedagógicas em Educação Popular: pesquisas e práticas educativas de inclusão social*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.